



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhada-Lisbon* — Telefone 5339 Q.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Não alimentemos ilusões!

O cumprimento dum mandato sindical impedia que quem estas linhas escreve assistisse anteontem ao comício promovido pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa em favor dos ferroviários do Estado. Não tendo, pela razão indicada, assistido ao referido comício, sabemos, todavia, que nele se produziram afirmações que não podem passar, por mais dum motivo, sem alguns reparos de *A Batalha*.

Entendemos que os oradores que falam à multidão, sobretudo quando o fazem não em seu nome pessoal, mas no dos organismos operários a que pertencem, devem pronunciar-se de maneira que as suas palavras não possam dar lugar a equívocos ou servir a alimentar ilusões, porque de equívocos e de ilusões está a classe operária saturada.

Mas a verdade é que, por vezes, alguns militantes operários, falando em nome dos seus sindicatos e olhando apenas as próprias facilidades combativas e não as dos agrupamentos em nome dos quais se expressam — o que, em sindicalismo, é uma posição falsa — discretam de maneira que em vez de orientar, desorientam, embora acreditemos que alguns desses militantes o não fazem intencionalmente, mas levados pelo entusiasmo que os anima. O pior é que tal entusiasmo desaparece geralmente em face das cruas realidades.

E por que sucede assim, nós, que aliás estamos muito longe de ser escépticos, preferimos a semelhantes manifestações de arrebatamento de alma a observação rigorosa dos acontecimentos, visto que se nos figura que não há melhor maneira de obter uma opinião raciocinada e um procedimento consequente.

Não estamos livres — a crítica é tão fácil — de que algúem nos acuse de conservadores por manifestarmos este critério, que aliás não é de hoje, mas afigura-se-nos que não somos semelhantes coisa. Julgamo-nos sindicalistas revolucionários.

Já os leitores perceberam que estas considerações veem a propósito do discurso produzido no comício de anteontem por um orador que falou em nome da Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Pão de Lisboa, orador que, como se lia no último número deste jornal, acusou a C. G. T. de «deixar os ferroviários lutar absolutamente sós, sem que houvesse uma resolução enérgica», a qual resolução enérgica seria a greve geral, tendo o mesmo orador feito uma afirmação ainda mais grave, porquanto declarou a seguir que «o fracasso da greve é a responsabilidade da C. G. T.».

Qual, segundo ele, «o operário deve pedir explicações». O delegado da Associação dos Operários Manipuladores de Pão — e só por nessa qualidade haver proferido aquelas palavras elas assumem, quanto a nós, uma certa gravidade — terminou por dizer que o momento não é... para reações!

Pois precisamente o orador que assim condenou a retórica, outra coisa não produziu senão — retórica. Retórica o da não menos incoerência.

Se o representante da Associação dos Operários Manipuladores de Pão andasse mais embrenhado nas causas da organização sindical, ver-se-ia que admitimos que não anula, porque do contrário haveríamos que considerá-lo dotado de infalibilidade, a saberia que a C. G. T. não deixou os ferroviários absolutamente sós, visto que, dentro das suas possibilidades, lhes prestou maior assistência. Se a C. G. T. não proclamou a greve geral — a resolução enérgica a que o mesmo orador aludia — não foi porque não o houvesse tentado, mas porque algumas das principais corporações operárias de Lisboa, sobretudo as de transportes, excepto uma destas — ao contrário do que se verificou em relação a outras partes das classes da produção — não lhe garantiram a indispensável adesão.

Consequentemente, a afirmação seguinte de que «o fracasso da greve ferroviária se deve à C. G. T.», não passa duma acusação gratuita, fácil de produzir, mas difícil de provar, só havendo que duvidar que ela haja partido dos lábios dum operário consciente.

Se o representante da Associação dos Operários Manipuladores de Pão quisesse ser rigorosamente verdadeiro, teria atribuído não à C. G. T., nem a quaisquer outros organismos operários, mas a uma grande parte da massa trabalhadora de Lisboa, a primeira das acusações que tam levaniamos assaon à central dos sindicatos. Seria verdadeiro, corajoso e consequente.

Quanto ao fundamento da última das suas acusações, temos a opor — e fazemo-lo porque não estamos aqui para alimentar ilusões — que seria problemático que o movimento dos camaradas ferroviários tivesse desfecho diferente do que teve, mesmo no caso de que a C. G. T. houvesse podido proclamar a greve geral, e admitindo que esta pudesse ter sido de facto uma autêntica greve geral. E, se por preciso, demonstráremos, fundamentando a nossa argumentação não em simples palavras, mas nas lições dos factos. E há tantos e tam eloquentes!

Mas o delegado da Associação dos Manipuladores de Pão não foi apenas menos verdadeiro. Foi cumulativamente ilógico, o foi dobradamente é para lamentar.

Atribuir à C. G. T. o papel de promotora da acção operária, quando lhe cabe o de simples coordenadora, é desconhecer os mais elementares princípios do sindicalismo, consignados aliás no estatuto confederal, princípios que ensinam que o impulso vem do baixo, dos sindicatos, as células vitais do movimento sindicalista. E é desconhecer igualmente a prática da vida operária, tam rica em exemplos.

Preterir, portanto, que a C. G. T. promova quaisquer movimentos, quando a sua função é concatená-los, movimentos que devem ser antes o reflexo do sentimento da massa organizada, é não só um erro, mas também atribuir à central dos sindicatos um papel providencialista, que se não casa com a orientação moderna da classe operária, essencialmente livre.

Além disto, as considerações do representante da Associação dos Manipuladores de Pão, ainda que correspondessem à verdade e estivessem dentro da lógica, e já vimos que não sucede assim, não deveriam ser feitas, por um operário organizado, no comício, mas dentro do competente organismo sindical, não porque nos arrequeamos de que seja perigoso criticar publicamente a C. G. T., que não é, mas porque não podemos considerar bem orientado o propagandista que tendo o sindicato à sua disposição para chamar à responsabilidade quem julga não ter cumprido o seu dever, o deixa de fazer no lugar próprio para levar a efeito as suas falíveis acusações na tribuna do comício, o que será mais espectacular, mas menos útil.

De resto, nós não podemos tomar as expressões daquele orador como patrocinadas pelo sindicato, em nome do qual aliás falou, porque, tendo assistido em Lisboa a vários movimentos de carácter geral, raras vezes temos visto a corporação dos operários manipuladores de pão participar, quicá por razões atendíveis, em tais movimentos, o que nos habilita a supor que se tem sido declarada agora a greve de solidariedade para com os camaradas ferroviários, seria precisamente a corporação em referência uma das que não estariam em condições de secundá-lo com a necessária eficiência.

Alexandre VIEIRA

Teatro de S. Carlos

Amanhã, pelas 21 horas, deve realizar-se na sala de espectáculos do teatro de S. Carlos, uma conferência sobre a obra *Parafal*, que precederá a próxima abertura da actual época lírica.

Será conferência o sr. Luís de Freitas Branco.

DEBATE DE OPINIÕES

O SINDICALISMO e as suas tendências políticas e comunistas

O sindicalismo, levado pelos acontecimentos, transformou-se em organismo com fins políticos, em contrário à feição que mostrou inicialmente, afirmando a autonomia do indivíduo no sindicato e a indiferença deste organismo pelas escolas políticas, filosóficas e religiosas dos seus elementos componentes.

Documentemos.

Tem a palavra o comunista anarquista Manuel Joaquim de Sousa, actual secretário da C. G. T. (vide *A Batalha* de 14 de Março de 1920).

Diz ele:

«A organização sindical, que é composta de elementos heterogêneos quanto a ideias e crenças, tem contudo um objectivo comum a todos os seus componentes: a emancipação económica e política do proletariado...»

Na verdade os indivíduos quando entram para os sindicatos não o fazem com o espírito preconcebido de trabalharem por uma sociedade nova. É a ideia fixa de melhorarem imediatamente de situação, de resistirem à tirania patronal que os agrupa. Todavia, a prática da luta leva-os a compreender que a batalha não será finda sem que o inimigo esteja inteiramente aniquilado e impossibilitado de renovar a luta. Nas lutas contra o patronato interveio o Estado, modelado na mesma organização económica, e interveio de maneira a precisar bem que não pode manter a sua neutralidade entre as duas partes litigantes. Se o Estado se obriga a garantir o direito da propriedade e a liberdade do trabalho, se o Estado é simultaneamente patrão pelo que respeita aos seus serviços públicos, como poderá ele manter-se neutro? E acresce ainda que o capitalismo estende a sua influência directa a todos os organismos de administração pública e a todos os meios de que possa lançar mão para orientar e conduzir, em conformidade com os seus interesses, a opinião pública. Assim, é coisa fácil encontrar na mesma empresa financeira, industrial ou comercial, directores e gerentes que pertencem aos mais distanciadados partidos políticos que detem o predomínio na administração da coisa pública. Do mesmo modo, os jornais de grande circulação são propriedade e recebem a influência dos homens da finança, da indústria e do comércio.

No desenvolvimento e prática das lutas sindicais o operariado apercebe-se sem dificuldade desta rede vasta de meios de acção que se opõe aos seus desígnios de emancipação e então, sem estudar o socialismo doutrinar nos livros, nos panfletos e nos jornais, verifica que tem que derruir todo o sistema burguês e edificar sobre os seus escombros uma sociedade nova.

O operariado quer a sua emancipação económica e política, e como essa emancipação é inconciliável com o sistema burguês, tem necessariamente de criar um sistema socialista que lhe dê a posse dos instrumentos de produção e o poder completar essa conquista com a organização dum sistema político que se coadune e adapte às novas fórmulas económicas.

O caso dum organismo composto de elementos heterogêneos quanto a ideias e crenças realizar uma emancipação política e económica que satisfaça o sentimento colectivo sindical, parece-se muito com o milagre da pereira produzir ananás. Não, a organização operária é socialista, fundamentalmente socialista. Nem podia deixar de sê-lo.

Falando como operário, Manuel Joaquim de Sousa expressa-se deste modo, quanto ao seu objectivo de emancipação política:

«Partidário duma sociedade livre e igualitária — duma sociedade em que cada indivíduo possa satisfazer integralmente as suas necessidades orgânicas, mentais e morais, por meio do acordo mútuo, livremente estabelecido e aceite e sem reconhecer outra espécie de autoridade senão a que resulta do exemplo moral e dos conhecimentos ou inteligência superior que um ou outro componente da sociedade possui, quando a não queira impor — nós jamais poderemos aceitar, em quaisquer circunstâncias, seja que governo for, nem mesmo o governo operário, ou seja a ditadura proletária, tanto em voga.»

Mas imagina-se que Manuel Joaquim de Sousa combate a posse pelos sindicatos dos instrumentos de produção? Não, senhores. Ele defende essa reivindicação operária, apostoliza-a mesmo.

Como é possível o predomínio da direcção sindical e a sociedade livre é que nós não sabemos conciliar. E que Manuel Joaquim de Sousa não dá ao acto de posse dos sindicatos o seu verdadeiro sentido.

A parte da ditadura — que Seguí admite e Manuel Joaquim de Sousa não tolera — a harmonia de vistas dos dois *leaders* revolucionários é completa: a organização sindical realizando a emancipação política do proletariado para o objectivo imediato do comunismo.

Se algum burguês curioso seguisse a leitura destes artigos estaria nesta altura esfregando as mãos de contentamento, saboreando com delícia os dissídios dos revolucionários e afagando a burra na quasi certeza de já jamais lhe sair das mãos. Pois enganase-se, amigo burguês. Já lhe tiramos as ilusões. A unidade dos revolucionários há de estabelecer-se e não é preciso mais do que desfazer equívocos. Não, burguês amigo, o desfecho desta polémica não te trará vantagens, mas prejuízos; não te daremos o espectáculo dos lobos no devoramento mútuo.

A verdade é que Manuel Joaquim de Sousa e Salvador Seguí tem razão no que afirmam de essencial:

1.º A tendência de preponderância política dos sindicatos é manifesta;

2.º A fórmula económica o atingir, como resultado final, não pode ser outra senão o comunismo.

E é assim porque?

a) Porque o sindicalismo, realizando a emancipação do trabalho pela socialização da propriedade e dos meios de produção, tem forçadamente de criar um regime político ajustado ao novo regime económico.

b) Porque o comunismo é uma tendência do espírito humano, que sempre se tem praticado em maior ou menor escala e que a nova revolução não fará mais do que apressar e generalizar.

Entretanto o comunismo, como fórmula económica única e exclusiva, não virá dum facto após a revolução, e aqui é que está o erro de Seguí e Manuel Joaquim de Sousa, se eles admitem a sua possibilidade imediata e integral, como deixam transparecer dos seus escritos.

Salvador Seguí, como reparamos, fala claramente no poder dos sindicatos e Manuel Joaquim de Sousa expressa-se por forma diferente.

Negar à C. G. T. o direito à direcção da vida social é negar o sindicalismo na sua finalidade, porque, não tenham ilusões, este quer a conquista do poder. Pela acção parlamentar? Não, pela revolução, pela sua revolução. E Manuel Joaquim de Sousa o que pretende é a revolução anarquista. Estamos longe dela.

«Mas haverá entre nós um desacordo irreductível? Não há. Demonstraremos que o sindicalismo realiza em sociologia aquilo a que em química biológica se chama *osmose*, isto é, estabelece o equilíbrio da concentração.

J. Carlos RATES

Tribunal dos Arbitros Ruindores

A U. S. O. revoga o mandato dos delegados operários

A União dos Sindicatos Operários envia-nos a seguinte nota:

«Sendo do conhecimento da comissão administrativa deste organismo a nomeação do dr. sr. Barbosa Viana, vogal do tribunal de excepção — conhecido pelo de Defesa Social — para presidente do Tribunal dos Arbitros Avindores, apesar dessa nomeação ser provisória, mas que várias entidades pretendem tornar efectiva, são convidados os vogais operários que compõem a respectiva pauta, a abandonar imediatamente o mesmo tribunal, enquanto aquele senhor ali permanecer, isto porque o não fizeram no dia em que o referido senhor tomou posse. Apesar desta resolução, devem os referidos vogais comparecer no gabinete deste organismo na próxima quinta-feira, 16, pelas 21 horas, à reunião da comissão administrativa, para se tratar de tam importante assunto.

Sindicato Unico Mobilário

A comemoração do 1.º aniversário

A comissão pró-bandeira tem recebido bastantes doativos, o que revela da parte das camaradas da indústria o bom acolhimento com que foi recebida a iniciativa. Prevê-se que todos os camaradas que terminam improrivelmente na próxima sexta-feira o prazo para a entrega dos projectos para a bandeira.

Pode-se a comparência dos membros da comissão no dia indicado, pelas 20 horas.

Trabalhadores. Lede e propagai

Londres. A BATALHA

C. G. T.

Conselho Confederal

Para apreciar o relatório sobre a intervenção da C. G. T. no conflito ferroviário, reúne-se hoje, pelas 20 horas, os delegados do Conselho Confederal, com a presença da comissão pró-ferroviários e os delegados que foram à provincia.

A Irlanda revolucionária

Parte da cidade de Cork destruída pelas chamas

LONDRES, 13. — Uma parte da cidade de Cork foi destruída pelas chamas. Um camion automóvel, transportando forças auxiliares, caiu numa emboscada às 16 horas da noite de sábado. Em seguida forças auxiliares saíram das suas casernas e lançaram fogo à cidade ardendo completamente mais de 50 casas, sendo os prejuízos avaliados em muitos milhões de libras esterlinas. — *Rádio*.

Máquinas que fabricam centenas de bombas por mês

LONDRES, 13. — Continuam as riquezas na Irlanda. Foram descobertos maquinismos capazes de fabricarem centenas de bombas por mês, e a polícia descobriu cerca de duzentas bombas já fabricadas. Os documentos que tem sido apreendidos contêm importantes revelações. Em Cork doze auxiliares foram feridos gravemente numa emboscada à distância de meia milha dos seus aquartelamentos. Foram atraindo bombas para um automóvel que conduzia policiais auxiliares. Os assaltantes fugiram. — *Rádio*.

Há tendências para a paz?

LONDRES, 13. — A imprensa discute as possibilidades dos *sinn-fainers* aceitarem os oferecimentos de Lloyd Georges. Em vista dos desapontamentos que tem ocorrido no passado quando a questão irlandesa parecia prestes a liquidar-se, os jornais aconselham a que não haja demasiados optimismos, mas contudo em toda a parte se esperam bons resultados das negociações.

O primeiro ministro disse na segunda-feira que havia de trabalhar tam arduamente no seu gabinete a favor da paz com a Irlanda, como trabalhara no tratado das relações comerciais com a Rússia.

Julgava-se geralmente que o quebrar a organização *sinn-fainer* era apenas uma questão de tempo e se não fossem as emendas da Câmara dos Lords ao projecto sobre a Irlanda não teria havido mudança na politica governamental.

Mas, persistentes pedidos dos irlandeses unionistas do Sul solicitando a autonomia fiscal deram uma arma a Lloyd Georges que ele se demorou a usar.

Houve dois milagres que o favoreceram: a conversão do Ulster e o dos conservadores deste país ao Home Rule e a aparição da Câmara dos Lords como zelosa defensora do Home Rule de modo que o que resta fazer, que é converter os *sinn-fainers* ao nacionalismo constitucional, parece uma coisa simples.

O génio político de Lloyd Georges parece avistar-se numa realização que conseguida será o maior triunfo político. Lloyd Georges em conversações com o correspondente em Londres da «Tribuna de Chicago», que exerceu uma acção importante nesta questão, mostrou que está em contacto com os dirigentes do movimento *sinn-fainer*.

O primeiro ministro está convencido que os *sinn-fainers* aceitarão os seus oferecimentos. — *Rádio*.

Outra nova tática

A propósito da notícia que *A Batalha* ontem publicou, sob a rubrica acima, acerca da reunião no domingo realizada na Associação dos Caixeiros, noticia que nos foi dada por um dos promotores da mesma reunião, o dr. João de Castro, recebemos do nosso amigo Carlos Rates a seguinte carta:

Sr. redactor. — Na qualidade de presidente da reunião a que *A Batalha* se refere na sua local do numero de ontem, intitulada *Uma organização extra-sindical*, escrevo uma noticia do que se passou na referida reunião e que em meu entender sintetiza toda a doutrina exposta e o objectivo da mesma.

Sucedeu, porém, ter sido publicada não a noticia que eu escrevi, mas uma outra que dá a impressão de que todos os assistentes concordam com a organização dum núcleo ou partido extra-sindical. Foi esta tendência manifestada, mas eu, por exemplo, não vejo necessidade de qualquer organização nova, quer sob o ponto de vista politico, quer económico.

Que há necessidade de todas as correntes socialistas se entenderem e, embora por caminhos diferentes, chegarem ao mesmo fim, disso não tenho eu duvida e essa doutrina defenderei nas reuniões a seguir.

Como sindicalista, entendo que a minha acção se deve de preferencia evidenciar nos sindicatos e nos seus organismos federativos. Se me demonstrarem que há conveniência nessa organização extra-sindical, sem prejuizo antes com proveito para a acção sindicalista, possivelmente modificarei a minha attitude. — J. Carlos Rates.

O Congresso extraordinário da Federação Sindicalista Internacional

Em virtude dum lapso de typografia deu-se ontem por concluido o relato dos trabalhos deste Congresso, que há dias vimos publicando em folhetim. O relato não terminou ainda, pois faltam as notas respeitantes ao encerramento do Congresso. Publica-las hamos amanhã, com alguns documentos que supomos interessantes para uma perfeita apreciação dos trabalhos efectuados em Londres.

EM VOLTA DOS FERROVIÁRIOS

Os actos destroem as palavras

...Mas o governo diz que não exerce represalias

Os ferroviários regressaram ao trabalho sem condições. Esta attitude, que o governo dizia tomar na devida consideração, não exercendo represalias sobre os componentes daquela classe, não foi respeitada. Raúl Esteves continua no seu papel odioso; as perseguições não tem fim.

Que está fazendo Raúl Esteves após a greve terminada, nos caminhos de ferro do Sul e Sueste? O que está fazendo sabemos nós. Depois de fazer verter muitas lágrimas a mulheres e crianças, depois de, durante a greve, ter exercido as mais revoltantes violências contra uma classe laboriosa, ainda ali se conserva, agora que o conflito terminou. Para que mantém o governo esse homem, cuja missão — ingrata missão — findou? Raúl Esteves, durante a greve, ordenou inúmeras prisões, todas elas injustas, e o governo, que fez ao subir às culmínias do poder, tam rasgados promettimentos de liberdade, tem assistido, mudo e queto, a todas as truculências.

Era natural, lógico, intuitivo, que, uma vez a greve acabada, todos os ferroviários presos fossem postos em liberdade. Mas tal não aconteceu. A classe retomou o trabalho e muitos ferroviários se encontram ainda presos.

Na Torre de S. Julião da Barra, como criminosos da pior espécie, estão a ferros os camaradas Horta, Gonçalves, Ramalho, Mário Varandas e muitos outros feridos, cujo crime é terem revelado dignidade e brio. A greve terminou e o governo não os mandou pôr em liberdade.

Ali os mantêm isolados dos seus, longe daqueles que lhes são caros. A maioria tem filhos que estão sofrendo miséria, sem que os governantes bem comidos e bem tratados tenham um gesto de justiça — que era a sua obrigação. Os governos dizem sempre que desejam governar conforme as aspirações do povo, fazendo justiça a quem trabalham. Mas uma vez os governos provaram a sua amizade às classes trabalhadoras. Quem quer mais um pedaço de pão, e em vez de o mendigar, o reclama activamente, é fechado na prisão e espancado.

E' uma comédia, uma verdadeira comédia que o governo está representando. Aprovega a benevolência e exerce perseguições que não se justificam; promete liberdades e permite que a guarda republicana esteja instalada na sede da Associação de Classe dos Ferroviários do Sul e Sueste, embora que pague a renda, seja o operariado daquela linha. E' o mais completo desprezo que o governo está mostrando pelas liberdades operárias. O sr. Liberato Pinto é o primeiro a mostrar esse desprezo.

Ainda ontem, quando o deputado Dias da Silva fez sentir ao governo o facto a que acima nos referimos, da guarda estar instalada num edificio que não lhe pertence, o sr. Liberato, presidente de ministério, disse em aparte: «Assim é que é bom». Regressa-se, pois, o sr. Liberato, com uma injustiça sem nome, com qualquer coisa que muito se assemelha a um abuso de confiança, a um roubo. Gosta o sr. Liberato de se tornar odioso aos olhos do proletariado. Mau gosto. A frase foi dita em ar de chacota. E' que o sr. Liberato está habituado a mangar com a tropa...

Quando o presidente do ministério trata assim um assunto desta natureza, como havemos nós de tomar a sério as palavras do ministro do comércio?

Este ministro afirmou ontem, no parlamento, que nenhuma perseguição foi levada a efeito, nem se levará, contra os ferroviários.

Ignorará o bom ministro que nas masmorras da República se encontram operários ferroviários e que ainda anteontem foi preso outro, que se encontra no governo civil, o ferroviário Leopoldo Calapez?

Os factos estão constantemente desmentindo as palavras constantes com que o governo nos quer iludir.

O governo não exerce represalias... mas as prisões estão cheias.

Ferroviários do Sul e Sueste

Nota officiosa

Acha-se constituída a Comissão Pró-Ferroviários Presos e Demitidos, a qual deve ser enviada nota, em carta ou por qualquer outra forma, da morada das famílias dos presos, pessoas de família a seu cargo, categoria e nome do ferroviário preso ou demitido, com indicação se é militar ou não e local onde reside, ou prisão onde se encontra.

Estas informações devem ser claras. Todas as informações, pedidos, etc., devem ser enviados pelo correio ou em mão própria para a seguinte direcção:

Comissão Pró-Ferroviários Presos e Demitidos. Redacção do jornal *A Batalha*, Calçada do Combro, 28-A — Lisboa.

Agora não foram pagos os vencimentos em atraso do mês de Setembro ao pessoal ferroviário, dando isso lugar a protestos que são abafados com a prisão dos protestantes. Não se compreende tal attitude, que continua a tornar mais difícil e morosa a normalização dos serviços, recusando-se o pagamento dum importância em divida.

Tem sido presos alguns ferroviários a título de pertencerem ao Comité que dirigiu a greve, quando tal não é verdadeiro, pois que nenhum dos ferroviários presos desempenhou tal missão. Tudo continua na mesma, sem que o governo exija do ditador militar a imediata normalização dos serviços.

As perseguições vão aumentando consideravelmente, estando a ser demitidos muitos ferroviários de várias categorias sendo outros submetidos a junta médica, sem motivo justificado, querendo ainda reformar-se alguns como *revanche* contra eles, por terem sido grevistas.

Os conflitos com os empregados superiores e a força armada estão-se produzindo como consequência lógica da indisciplina que a continuação da mesma força está produzindo nos Caminhos de Ferro.

Mantem-se presos alguns ferroviários em S. Julião da Barra e noutras prisões sem motivo justificado, não havendo neste país quem se anteponha aos desmandos e imposições de Raúl Esteves, apesar de haver um governo constituído. — A Comissão Executiva da Associação de Classe.

Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Este organismo envia-nos a seguinte nota, em que é confirmada a simpática resolução de que o seu delegado o nosso camarada Jerónimo de Sousa deu conhecimento no comício de domingo e que tam aplaudido foi justamente pela multidão:

«A comissão administrativa da Federação de Indústria de Calçado, Couros e Peles comunica aos ferroviários do Sul e Sueste que, de acordo com um grupo de camaradas da industria, resolveu consertar o calçado a todos os camaradas que forem demitidos. Para tal efeito devem dirigir-se à comissão administrativa, que reúne às quartas e sextas-feiras, das 20 e meia às 22 horas.

No Minho e Douro

Escreve-nos um ferroviário do Minho e Douro dizendo que naquela linha se exerceram represalias, porquanto grande número de ferroviários não foi admitido ao trabalho.

Esses camaradas estão actualmente na miséria, sofrendo as suas famílias as agruras da fome.

Lá como cá, a benevolência é o que se vê.

No Porto

Proseguem as violências no Minho e Douro — Ao pessoal do movimento é-lhe retirado o horário das oito horas — O terror como norma

PORTO, 9. — C. — Continua a causar impressão as perseguições de que estão sendo alvo os ferroviários do Estado.

No Minho e Douro prosseguem as humilhações, os cortes, os tomanentos de pontos. Os superiores olham os subalternos com escárnio e até com provocações. Os comboios são formados com pessoal misto, isto é, com militares e civis, imperando a espionagem e a desconfiança. Do pessoal eventual, já admitiram alguns indivíduos, conforme uma lista afixada nas respectivas estações; mas a maior parte fica excluída. O mais revoltante, porém, é uma medida tomada pela direcção, que anula o horário das 8 horas, que antes da greve estava em vigor, para o pessoal do movimento, ficando a trabalhar dez horas! Como represália maior, tiram-lhe, ou pensam em tirar, os dias de folga! Por enquanto, nas oficinas e escritórios, ainda não alteraram o horário. A militância conserva-se nas estações, o director militar não desiste de dar ordens. A menor manifestação de mal vontade ou à mínima observação, applica-se o regulamento: rua ou prisão, se não for uma cutelada. Obedece rápida e imediatamente, é o *mot d'ordre*. E ai daquele que assim não proceda. Grande parte do pessoal que está presentemente ao serviço, ainda não sabe se fica, se é suspenso ou demitido. Conta-se com mais seleções. Enfim: reina o terror, os ferroviários foram precipitados num inferno pior que o de Dante, e tam pior que até os subordinados do coronel Liberato lamentam aquela desgraça, exteriorizando o seu sentimento pelos perseguidos.

Entre os demitidos ou suspensos figuram muitos republicanos pertencentes a grupos e que se opuseram às tiranias dos concierges.

Por este facto, os grupos de defeza, ao que parece, trabalham no sentido de ser anulada a violência ditatorial da direcção do Minho e Douro. Veremos o que sucederá mais.

Na Póvoa de Varzim e Vila do Conde

Imponentes manifestações do operariado — Recibo dos assam-barcadores

POVOA DE VARZIM, 11. — C. — Para apreciar a circular n.º 8 da C. G. T., reuniu extraordinariamente a U. S. O. desta localidade e Vila do Conde, tendo resolvido, depois de bem apreciado o conteúdo da citada circular, votar a paralisação geral do trabalho na área daquele organismo federativo para o dia 9, ao meio dia, e realizar um comício publico de solidariedade para com os ferroviários das linhas do Estado. Pedida a respectiva autorização à autoridade administrativa, segundo as determinações da lei de João Franco, foi a mesma autorização indeferida, para honra da liberdade de reunião...

deles.

A medida da autoridade não deu, porém, o resultado almejado, porquanto a paralisação foi quasi completa nas classes organizadas, visto a U. S. O. ter feito circular um pequeno manifesto nesse sentido.

Assim a que a hora marcada para o

